

**Apresentação da Prática
Interacção Escola/Comunidade**

Agrupamento de Escolas de Armação de Pêra

II SESSÃO

Introdução

Manuel Miguéns*

Cabe-me moderar este debate, e daí a minha presença aqui na Mesa. Aproveito para apresentar a Dr.ª Ana Fonseca, que vai apresentar uma Prática integrada no Programa "Boa Esperança". É professora de Educação Física e trabalha nesta iniciativa em torno da escola aberta à comunidade, uma escola verdadeiramente aberta de modo flexível, sem qualquer controlo por funcionários ou por professores, com a presença da comunidade a viver essa escola ao fim-de-semana. A Dr.ª Ana Fonseca vai fazer a apresentação do processo interactivo entre a sua escola e a comunidade de Armação de Pêra.

Após estas apresentações teremos o Comentário, que estará a cargo da Prof.ª Doutora Margarida Fernandes, que é Professora Coordenadora da Escola Superior de Educação da Universidade do Algarve, e a Coordenadora Regional do Programa "Boa Esperança", no Algarve.

Em seguida, teremos um período de debate que é extensivo às salas que têm circuito interno de televisão.

Finalmente, como esta deve ser a última oportunidade que tenho hoje de intervir, e porque estive muito envolvido nesta iniciativa, quero, em meu nome pessoal, mas também por parte do Conselho Nacional de Educação, agradecer sinceramente aos nossos convidados, bem como ao Instituto de Inovação Educacional, nas pessoas da sua Presidente, Dr.ª Maria Emília Brederode, e da Coordenadora Nacional do Programa "Boa Esperança", Dr.ª Filomena Matos, que possibilitaram esta excelente parceria com o Conselho Nacional de Educação.

Dou, então, a palavra à Dr.ª Ana Fonseca que nos vai contar a sua história.

* Secretário-Geral do Conselho Nacional de Educação.

Apresentação da Prática

Interação Escola/Comunidade

Ana Cristina Fonseca*

Com o aparecimento do Turismo no Algarve, Armação de Pêra beneficia de um desenvolvimento considerável, por ser, de imediato, reconhecida como uma das melhores estâncias balneares algarvias.

As actividades que até então eram consideradas a base económica local passaram, pouco a pouco, para lugares secundários e são as novas actividades que ganham relevância.

Justificando-se o aparecimento de outras actividades, para dar resposta às solicitações por parte dos turistas, registou-se uma grande afluência de trabalhadores provenientes de vários países com culturas diversificadas. Pêra e Alcantarilha, devido à sua proximidade, também sofrem as consequências resultantes desse desenvolvimento turístico.

No entanto, continuou a verificar-se a não existência de condições socioculturais e recreativas que satisfizessem as necessidades da comunidade em geral.

Sendo a Escola um local privilegiado e o único pólo dinamizador da comunidade, foi nossa preocupação desenvolver actividades de carácter lúdico-desportivo e cultural, preenchendo o vazio existente.

E com este propósito pretendeu-se iniciar um Programa, cujo objectivo era – e continua a ser – a aproximação/participação das famílias, e da comunidade em geral, na Escola, e vice-versa, numa perspectiva de interação Escola/Comunidade.

* Professora do Quadro de Nomeação Definitiva da Escola Secundária de Silves, destacada no Agrupamento Vertical de Escolas de Armação de Pêra – Escola EB 2,3 de Armação de Pêra.

Escola aberta ao fim-de-semana

No ano lectivo 97/98, disponibilizou-se a Escola, em parceria com a Associação de Pais e o Instituto Português da Juventude (I. P. J.) – assegurando-se a permanência de dois elementos responsáveis – a abrir os portões da Escola ao fim-de-semana com a finalidade de apoiar todas as iniciativas que se enquadrassem numa perspectiva de bem-estar físico e intelectual dos nossos jovens e da população da comunidade, desviando-os assim de outros “passatempos” menos aconselháveis.

Pela carência de espaços e recursos disponíveis no meio envolvente, a escola era usualmente invadida por alunos para utilizar o polidesportivo. A pedido de alunos e elementos da comunidade, novos espaços e recursos foram sendo gradualmente abertos e disponibilizados aos utilizadores.

Actualmente a Escola está aberta ao fim-de-semana sem qualquer funcionário ou professor, e os utilizadores desenvolvem actividades de carácter lúdico e recreativo de forma voluntária e livre.

É neste sentido e com esta preocupação que a Escola se encontra aberta aos fins-de-semana, colocando os seus espaços, tanto exteriores – fundamentalmente para a prática desportiva – como interiores – Sala de Informática, Biblioteca, Sala de Alunos, Sala de Música, etc., à disposição dos interessados. Nestes espaços utilizam vários recursos que a Escola lhes disponibiliza: computadores, instrumentos musicais, livros para consulta, acesso à Internet e jogos didácticos.

Aos fins-de-semana verifica-se uma adesão considerável não só por parte dos nossos alunos, como também de elementos da comunidade, que responsabilmente utilizam os recursos disponíveis da Escola. De referir ainda que alguns dos alunos mais problemáticos aproveitaram um espaço que até então lhes era vedado para a prática de algumas das suas actividades (ensaios em bandas musicais, em grupos de dança e

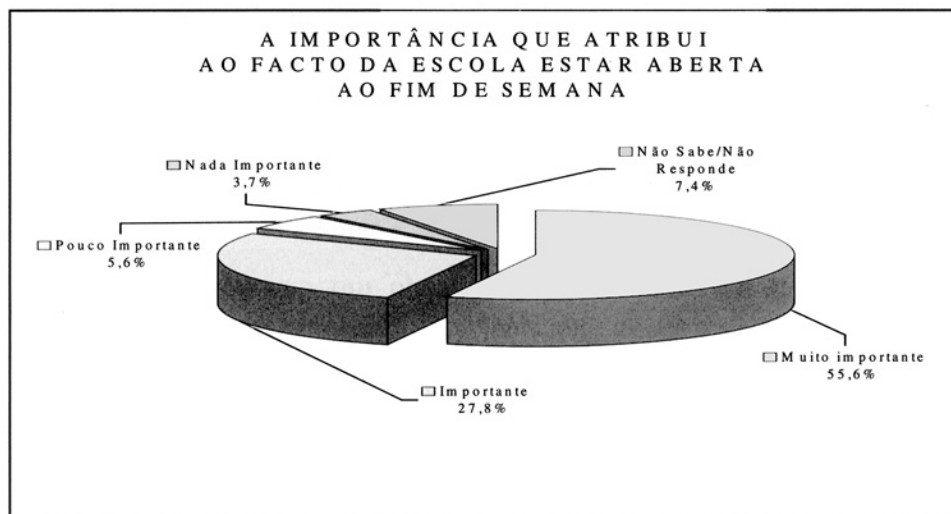
participação em actividades desportivas), facto que contribuiu para a melhoria do seu comportamento (relações interpessoais).

Os alunos sentem a Escola como sua, aprendendo a importância de preservar um espaço que é seu e que não pode ser destruído. Vêm à Escola ao fim-de-semana, trazem os amigos, são responsáveis e responsabilizam-nos, pois sabem que este espaço também lhes pertence, e que poderão continuar a frequentá-lo, desde que o respeitem, e é isso que fazem.

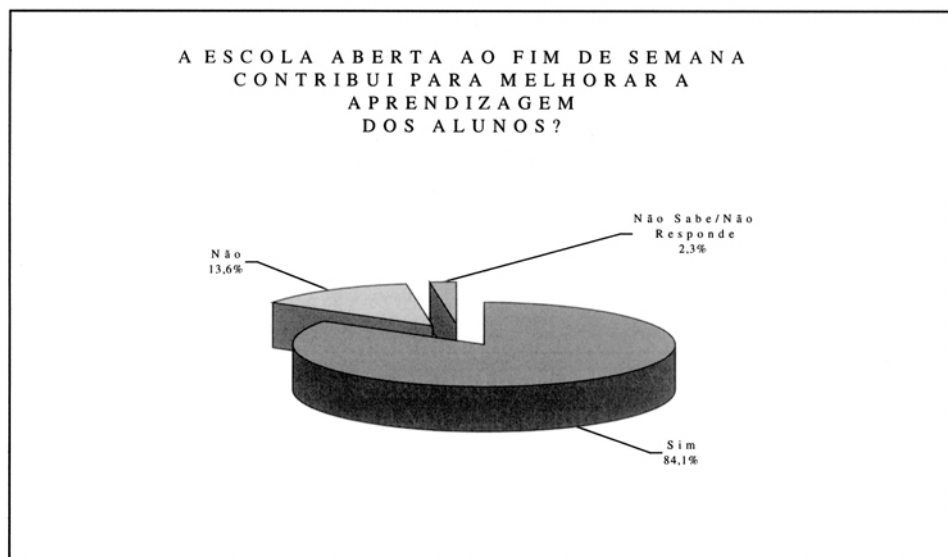
Durante o ano lectivo 99/00 foi aplicado um questionário destinado exclusivamente a todos aqueles que frequentam a Escola ao fim-de-semana. Os resultados demonstram que é a Sala 12 “Mariano Gago” a mais utilizada.



Relativamente à importância que os inquiridos atribuem ao facto da Escola se encontrar aberta ao fim-de-semana, podemos afirmar que 55,6% consideram muito importante e 27,8% consideram importante.



Relativamente à questão “Considera que a Escola aberta ao fim-de-semana contribui para melhorar a sua aprendizagem?”, inquirida a estudantes, 84,1% consideram que sim.



O processo interactivo Escola/Comunidade não se fundamenta unicamente no facto da Escola estar aberta ao fim-de-semana, já que outras actividades são realizadas, dentro e fora da Escola, com o intuito de aproximar três vectores: Escola, Família e Comunidade, que contribuem sem dúvida alguma para que as crianças e os jovens de hoje, futuros homens de amanhã, sejam formados numa vertente global de Educação para a Cidadania.

Entre várias actividades, destacamos:

Exposições

As exposições que considerámos mais significativas, devido aos temas ou relacionadas com comemorações de datas festivas, estiveram patentes ao público ("Interculturas", "Semana do Mar" e "25 de Abril".) Esta última esteve em exposição em todas as Escolas do Agrupamento e também na comunidade (em locais estratégicos).

Também se julgou interessante mostrar a toda a comunidade as "Artes e Artefactos utilizados na Faina da Pesca Artesanal". A concretização deste evento só foi possível devido à cedência de material adequado por parte dos pescadores de Armação de Pêra. Aproveitou-se a ocasião para se expor alguns desenhos e pinturas de um artista plástico da terra, cujo tema se relacionava com "O Mar", e mostrar "Armação de Pêra através dos Tempos", em fotografia.

Actividades fora da Escola

A salientar: vários concertos promovidos pela Orquestra Orff e Clube de Música, dentro e fora do Concelho de Silves, culminando com um Concerto Final do Ano Lectivo 1999/2000, realizado na Igreja Nossa Senhora dos Navegantes, em Armação de Pêra, para toda a comunidade.

Também foram apresentados outros espectáculos na Vila, ao ar livre (dança, folclore, música, teatro, desporto de combate, jogos tradicionais, canoagem, *rappel*, escalada e corta-mato), por professores e alunos integrados nas comemorações da Vila, em parceria com a Junta de Freguesia.

A Operação Lágrimas Negras – sensibilização da comunidade sobre os efeitos de uma maré negra – englobou várias actividades, que só foram possíveis graças à estreita colaboração entre entidades e à participação activa da comunidade (Desfiles pelas Vilas de Armação de Pêra, Pêra e Alcantarilha; sessão de esclarecimento – debate público – realizada nas instalações do Clube "Os Armazenences"; sessão de espectáculos com a simulação humana de uma maré negra, realizada na Praia dos Pescadores em Armação de Pêra).

Os nossos alunos participaram no projecto “Armação de Pêra Limpa”, sensibilizando e actuando activamente junto da comunidade.

Actividades dentro da Escola

Todos os anos se realizam várias actividades dentro da Escola que contam com a colaboração activa de inúmeros parceiros. A realçar: Almoço/Convívio de toda a comunidade escolar, do Agrupamento, na época natalícia; Dia do Estudante (24 de Março) com entrega de prémios aos alunos Top Escola e a apresentação de actividades organizadas pelos alunos da Escola; "A GNR veio à Escola" para promover e divulgar as suas actividades permitindo uma “aproximação”, através de contacto directo com toda a comunidade escolar das Escolas do Agrupamento.

Protocolo com o Campo de Golfe dos Salgados

Foi celebrado um protocolo entre a Escola e o Campo de Golfe dos Salgados que permite a participação de alunos no Grupo de Golfe, no âmbito do Desporto Escolar, sem o qual não seria possível implementar esta actividade.

Este protocolo permite que os alunos tenham vivências numa modalidade que apesar de enraizada no meio turístico se encontra fora do seu alcance.

Para além da prática desportiva procura-se dotar os praticantes com conhecimentos técnicos, possibilitando que *a posteriori* possam exercer uma actividade profissional nesta área.

Melhoria do espaço-Escola

Só foi possível a melhoria, rentabilização e dinamização de alguns dos espaços da Escola através da colaboração das forças vivas da comunidade. São caso disso, a fonte, o barco, a carroça, os espaços jardins, as iluminações natalícias, no exterior da Escola, bem como, a cascata, jogos didácticos, material informático e material audiovisual, no interior.

Todas as actividades têm tido uma adesão considerável, não só por parte dos nossos alunos, como também de outros elementos da comunidade, permitindo assim uma aproximação efectiva entre a comunidade escolar e a comunidade em geral.

Este projecto proporcionou sensibilizar as entidades responsáveis para a construção de um pavilhão gimnodesportivo (de grandes dimensões), um dos melhores, senão o melhor do Concelho de Silves, que permite a realização de actividades desportivas, culturais e recreativas, para a Escola e Comunidade.

Comentário

Margarida Fernandes*

Acabámos de ouvir a descrição da Prática de uma Escola que privilegia a interacção com a Comunidade e que é um interessante exemplo do que pode ser um processo de inovação educacional. Vimos como esta inovação ousou nascer, desenvolver-se e perdurar, estendendo-se ao Agrupamento de Escolas, encontrando várias formas de se disseminar e garantir a sua sustentabilidade. É do percurso empreendido que irei sublinhar alguns aspectos.

O vídeo mostrou-nos que a Escola, procurando responder à ausência de infra-estruturas sócio-culturais e recreativas que satisfizessem as necessidades da Comunidade, passou a abrir as suas portas ao fim-de-semana, pondo alguns dos seus recursos à disposição dos alunos e de outros elementos da Comunidade, que aderiram com entusiasmo a esta iniciativa. Vimos como esses espaços, até aí fechados ao fim-de-semana, passaram a ser utilizados por antigos e actuais alunos para a prática de algumas das suas actividades preferidas (bandas musicais, grupos de dança, actividades desportivas), repercutindo-se esse facto na melhoria do seu comportamento e relações interpessoais. **“Abrir a Escola ao fim-de-semana”** fez com que os alunos fossem progressivamente aprendendo a administrar espaços e tempos, a ocupar-se e a cuidar dos equipamentos e recursos, a gerir resistências e tensões, a cuidar da Escola e a embelezá-la, a colaborar nas festas, a participar e a ter uma voz activa na vida diária da Escola.

Abrir a Escola ao fim-de-semana tornou-se o aspecto mais emblemático desta prática. A sua cabal compreensão exige, todavia, que se não isole este de outros projectos em que ele se apoia, formando como que uma

* Professora Coordenadora da Escola Superior de Educação da Universidade do Algarve.

rede de projectos com o mesmo objectivo estratégico: fomentar a aproximação entre a Escola e a Comunidade. A sustentabilidade da Prática advém-lhe, por um lado, da rede de projectos que se cruzam e reforçam e, por outro, da consideração e respeito que a Escola tem pela Comunidade, com quem se envolve em diversos programas de protecção e defesa do ambiente, com quem partilha momentos e actividades importantes do ano escolar, como o “Dia do Estudante” e o jornal que edita, o “Jornal&Pêras”.

A valorização que a Escola faz da Comunidade e as múltiplas interacções que com ela estabelece contribuíram para o aprofundamento dos objectivos desta prática, transformando-a numa efectiva **Prática de Educação para a Cidadania**. Nada do que se passa na Comunidade é estranho à Escola. Todos os acontecimentos, dos mais mediáticos aos mais comuns, são debatidos e analisados. Para esta prática, a Educação para a Cidadania consiste em ler e interpretar os acontecimentos quotidianos, dos mais próximos aos mais longínquos, aprender a viver com os outros, a gerir situações adversas, isto é, aprender a viver em democracia, olhando atentamente o que nos cerca, partilhando recursos, definindo regras, construindo solidariedades. São estas aprendizagens que constituem uma resposta diferente e humanizada às tensões, conflitos e outras formas de agressividade que o brusco crescimento do meio e as migrações de diferentes grupos étnicos, raciais e culturais, em condições quase sempre desumanas, introduzem diariamente na escola.

É visível a preocupação da Escola em **dar uma resposta socioeducativa à transformação das condições económicas e sociais do meio**, procurando romper uma certa causalidade circular que parece existir entre a exclusão escolar e a exclusão social. Essa procura introduz nesta prática uma nova dimensão, transformando-a numa prática portadora de sentido social, que visa educar **para a cidadania** e se orienta por

objectivos de efectiva democratização social. Permitam-me que vos cite François Dubet¹ que, a este propósito, afirma o seguinte:

“Quanto mais a escola escolariza massivamente, mais ela exclui os alunos de forma relativa e a exclusão escolar, no seio da própria escola, torna-se a experiência psicológica mais banal. Assim, observa-se nas fileiras desqualificadas, um verdadeiro sentimento de alienação, uma imagem negativa de si, uma impressão de desprezo, porque aí os alunos são definidos menos pelas suas possibilidades do que pelas suas incapacidades. Frequentemente, estes alunos excluídos rejeitam o estigma que se lhes impõe e escolhem virar a situação através da violência. É aí que se forma uma parte da raiva e do ódio das zonas suburbanas”.

Esta citação sintetiza, de forma eloquente, muito do que eu gostaria de dizer sobre o significado desta prática. Note-se que não se trata apenas de trazer a Comunidade para dentro da Escola, para evitar situações de confronto, ou de mal-estar, que pudessem facilmente degenerar em conflitualidade e violência. Trata-se de valorizar as potencialidades existentes, de implicar os alunos na aprendizagem do que é a democracia, do que é viver com os outros, partilhando recursos, respeitando e apreciando cada um dos intervenientes na vida da Escola, prevenindo a ruptura social dentro dela própria. Por isso, na apresentação desta prática não nos foi transmitida uma visão desvalorizadora da Comunidade, uma visão “patologizante” das dificuldades dos alunos, como refere Rui Canário, mas a visão positiva, reforçadora e sempre encorajante que vê nos alunos as suas potencialidades, as suas aprendizagens, gostos e interesses, aquilo que eles são efectivamente capazes de realizar.

¹ Citado por Canário, R., Alves, N. & Rolo, C. (2000). Territórios Educativos de Intervenção Prioritária: Entre a “Igualdade de Oportunidades” e a “Luta contra a Exclusão”. In A. Bettencourt & outros, *Territórios Educativos de Intervenção Prioritária*, Lisboa: IIE, pp.164-5.

As **parcerias** desempenham um papel muito importante nesta prática de Educação para a Cidadania, pois **não se limitam a boas intenções** que, sob a forma de “protocolos”, se anexam ao projecto educativo da escola. Pelo contrário, há realizações concretas, há planos de actividades onde se projecta aquilo que se vai fazer, difunde-se essa informação, criam-se canais de informação para que a comunidade os conheça e deles participe, para que mais elementos da escola e das outras escolas do Agrupamento tenham conhecimento do que se está a passar e possam colaborar. Estas parcerias, hoje definidas como **novas formas de solidariedade e cooperação para fazer face à exclusão social**, são muito diversas, activas e empenhadas. No desenvolvimento desta prática as parcerias têm tido um papel de grande relevância pelo apoio prestado nas mais diferentes situações, como se depreende das inúmeras entidades e associações com que a Escola estabeleceu protocolos e que tanto proporcionam aos alunos a possibilidade de participar num projecto de protecção da orla costeira, como a oportunidade de aprender a jogar golfe no Campo dos Salgados. Além disso, o trabalho cooperativo que se realiza em parceria traduz-se sempre por acrescentar qualquer coisa à prática, não a deixando estagnar.

Nesta perspectiva, deve, também, sublinhar-se a **forte conexão entre o escolar e o educativo**, uma vez que as aprendizagens que os alunos vão realizando sobre partilhar e viver em democracia, participar no clube de música, no orfeão ou noutras actividades vão ter impacte nas suas atitudes e percurso escolar, percurso este que não é de forma nenhuma descurado. Pelo contrário. As aprendizagens escolares dos alunos nas diferentes disciplinas (repare-se nas múltiplas áreas cobertas pelo Top Escola), são todas valorizadas, sendo os professores frequentemente encorajados a “olhar para os resultados dos alunos”, para ver como é que eles podem melhorar. Encoraja-se a interpretação dos gráficos relativos ao aproveitamento dos alunos, aos níveis atingidos no fim do período, às taxas de repetência existentes, estimulando a **reflexão dos professores em conselho de turma**. O que é que os alunos aprenderam? O que é que

não aprenderam? Onde podem melhorar? O que podemos nós fazer melhor?

Abrir a escola ao fim de semana e serem os alunos a “tomar conta de tudo” é uma “ousadia” do ponto de vista do funcionamento da escola, é uma significativa e rara inovação organizacional. Mas não chega! É preciso que as dimensões escolares e educativas, curriculares e organizacionais não estejam separadas. É importante interpretar a evolução dos gráficos com os níveis de aproveitamento dos alunos, ver como eles vão melhorando, como os professores são levados a procurar outros métodos e actividades mais motivadoras, como o jornal escolar, por exemplo, procurando **reforçar as relações entre o escolar e o educativo, o organizacional e o curricular**. A consideração atenta das interações recíprocas destes níveis de intervenção é um aspecto central deste e de qualquer projecto que pretenda potenciar a interacção da escola com a comunidade.

É importante sublinhar que esta prática e a maioria das "boas práticas" que no terreno desenvolvem projectos inovadores são lideradas por equipas de trabalho. Na verdade, são equipas de professores que, no terreno, transformam os projectos em práticas, transformam os projectos em realidades que se vão afirmando e ganhando espaço, transformando alguns aspectos da vida da escola. Falamos, por vezes, da escola como se ela fosse um todo, uma entidade indiferenciada, e a escola não é isso. A escola é constituída por grupos de trabalho, por equipas, estas ou outras e, também, por outros grupos de professores que se implicam menos, ou que são mesmo indiferentes ao que se passa, procurando furtar-se a trabalhos e incomodidades. Na escola há dinâmicas, e também resistências e tensões que é preciso conhecer e aprender a gerir, implicando um número cada vez maior de professores e de alunos na construção de um sentido para a acção educativa. Este é um aspecto que julgo muito importante: a inovação não pode ser imposta ou, simplesmente, proposta, pela Administração Central. Tão-pouco se

sustenta e dissemina se exclusivamente da iniciativa de um professor ou grupo de professores, ficando apenas circunscrita à sala de aula ou a contextos particulares. Nem ao nível macro, nem ao nível micrositêmico. **É na escola, na sua diferenciação, na constituição destas equipas, nas propostas que delas surgem que há um motor importante para a inovação.** São as lideranças destas equipas, que se constituem a este nível intermédio, que possibilitam a mudança conjunta dos actores e da organização.

Poder-se-á perguntar se esta solução pode ser replicada e disseminada por outras escolas inseridas em contextos semelhantes. Gostaria de sublinhar a singularidade de cada prática, pois entendo que nenhuma prática se pode importar, clonar ou exportar. Todas as práticas construíram a sua própria história, têm a sua singularidade, o seu contexto de desenvolvimento de que fazem parte determinadas condições objectivas e subjectivas, que facilitaram ou dificultaram a sua emergência. Um longo caminho foi percorrido até que a prática pudesse emergir. E esse caminho e essa história não podem ser decalcados, nem reproduzidos. Neste sentido, cada prática é única, irrepetível, é como um ser vivo que precisa de condições específicas para se afirmar e se desenvolver, consoante as condições de partida e as suas características e domínios.

É sempre preciso atender à evolução de cada um dos processos de inovação. As soluções inovadoras têm a sua história, o seu processo evolutivo, não surgem por acaso. Nenhuma inovação surge por acaso. Surge de um conjunto de condições e é preciso que essas condições tenham atingido uma certa fase de “amadurecimento” para que a inovação possa emergir. Neste sentido, diria que o **processo intuitivo presente na emergência da inovação, em tudo se assemelha ao que leva ao desenvolvimento da ciência**, ao processo que leva às descobertas científicas. Neste sentido, é a intuição que nos leva a perceber que, numa determinada configuração de factores, aquela

resposta pode ser a adequada. E isto leva um certo tempo de gestação, um certo tempo de amadurecimento. Não é por acaso que as descobertas científicas também exigem este tempo. Sublinharia, por isso, a **semelhança entre o processo de inovação e o processo científico**, pois ambos exigem um determinado conjunto de condições com uma certa configuração e “amadurecimento”. Há um longo caminho, feito de interrogações, de procura, de contactos, de parcerias e de muitas outras coisas, até que a resposta inovadora surja.

Por isso, esta não é uma solução que se possa exportar facilmente para outras escolas que também têm comunidades com uma grande diversidade cultural, pensando que a resposta poderia ser simplesmente a de abrir as portas ao fim-de-semana. Qualquer que seja o caso, a solução vai exigir atenção às especificidades do contexto, aos recursos humanos e à sua motivação e empenhamento, à reflexão que tiver tido lugar e ao apoio interno e externo, podendo esta combinatória levar a encontrar respostas inovadoras distintas e adequadas à singularidade de cada situação.

Uma dimensão também importante neste projecto, como em todos os que se assumem como inovadores, é a **auto-avaliação**. A auto-avaliação não procura apenas fazer o balanço do caminho traçado. Pretende que sejam os participantes na inovação a controlar o seu desenvolvimento e consolidação. Por isso, são eles que seleccionam o que vai ser objecto de avaliação e que desenham os instrumentos de recolha de informação, apropriando-se deste processo nas suas várias fases. Embora a construção de instrumentos de avaliação exija apoio frequente, esse apoio não deve pôr em causa os objectivos essenciais da auto-avaliação que são os de levar a uma apropriação crítica do processo, o que implica a compreensão das opções feitas e sua presumível adequação aos problemas identificados, bem como a correcção do que, porventura, possa desviar-se dos propósitos enunciados. É a auto-avaliação que permite reorientar o processo, consolidando e aprofundando aquilo que

de positivo se está a fazer, levando à gestão integrada dos recursos, à definição de novas metas de desenvolvimento, ou à disseminação da inovação, como já acontece com outras escolas deste Agrupamento, onde também se abre a escola ao fim-de-semana.

Apesar de, nesta prática, as questões da cidadania se sobreporem a todas as outras, a **gestão integrada dos recursos** não foi descurada. E esse é um aspecto que deve merecer relevo, uma vez que os recursos que temos nas escolas, nas nossas comunidades educativas, não são ilimitados, devendo a sua gestão integrada realizar-se de forma adequada e inteligente. Não estou apenas a pensar em recursos económicos. Refiro-me sobretudo aos recursos humanos. O aproveitamento dos recursos humanos que, na escola e fora da escola, podem contribuir para a emergência e sustentação da inovação tem de ser a pedra de toque da mudança. Um programa como o **"Boa Esperança"** deve **potenciar o melhor aproveitamento possível dos recursos humanos que existem nas escolas, e fora delas, dando-os a conhecer, pondo-os em contacto, aproximando-os e apoiando a criação de redes**. Todas estas estratégias podem contribuir decisivamente para reforçar o sentido das "boas práticas" e a sua sustentabilidade.

Para concluir, gostaria de me referir à existência de equipas regionais que, em conjunto com as escolas, procuram promover condições para que as práticas se consolidem, desenvolvam e disseminem. Julgo que a constituição e papel destas equipas é um aspecto particularmente importante e inovador deste Programa, que é ele próprio de encorajamento à inovação. Na constituição destas equipas há parceiros que não costumam trabalhar em conjunto, mas que passaram a fazê-lo: a administração central, a administração regional e as Escolas Superiores de Educação, em conjunto com as Escolas, passaram a cooperar, procurando promover a consolidação, sustentabilidade e disseminação das inovações.

O facto de se aproximarem todos estes parceiros e a preocupação de apoiar as práticas, levou as equipas a reflectirem, conjuntamente, sobre as mudanças necessárias ao nosso sistema educativo, sobre a melhoria da qualidade das aprendizagens, não já de uma forma apenas teórica e, muitas vezes, desenquadrada, mas contextualizada e prática. Obrigou-nos a todos, sem excepção, a fazer um caminho e uma aprendizagem conjunta, no sentido de construirmos uma visão comum, aprendendo “coisas novas” uns com os outros. Este é um aspecto importante e inovador do Programa "Boa Esperança/Boas Práticas" que entendo ser de sublinhar. É inovadora a preocupação de construir entre todos estes intervenientes uma visão comum, procurando que a Administração não controle, que a investigação não se isole e teorize, mas desça ao terreno, que as práticas não se reproduzam de forma acrítica, mas que se auto-avaliem e reflectam, para que todos, em conjunto e de forma interactiva, possamos aprender a potenciar os efeitos benéficos, tornando ainda mais positivas as "boas práticas" que existem no nosso sistema educativo e de que as que se encontram incluídas neste Programa são apenas uma pequena parte.

Muito obrigada pela vossa atenção.

Debate

Manuel Miguéns

A Prof.^a Margarida Fernandes acabou por referir aspectos globais em relação a todo o Programa, não se centrando apenas nesta Prática. É a vantagem de termos um comentador que conhece muito bem a Prática, mas que conhece igualmente o Programa no todo nacional. Da parte da tarde teremos a apresentação de outra Prática, mas escolhemos um comentador que lhe é totalmente externo.

Gostava ainda de salientar dois pontos, mas como alguns dos aspectos que queria referir já foram aqui focados, limitar-me-ei a fazer um resumo. Um ponto importante relativo à forma como o "Boa Esperança" se organiza, é o de não burocratizar a coordenação. Talvez pela primeira vez, e eu não conheço outro exemplo, a Administração deixou a coordenação das equipas regionais ao investigador que é contratado para fazer o trabalho, neste caso, a Prof.^a Margarida Fernandes, que trabalha de braço dado, em aproximação sucessiva, com as Direcções Regionais, e muitas vezes com um elemento do Instituto de Inovação Educacional. Isto permite uma aproximação da Administração Central com a Regional, da inovação com a investigação, e tem um traço de formação que acho que é importante, e não deve ser esquecido no plano do "Boa Esperança", embora não seja esta a ênfase maior do Programa. A Prof.^a Margarida Fernandes acabou por referir o processo da auto-avaliação que o "Boa Esperança" incentivou fortemente, junto das suas práticas, junto das equipas; há um processo de auto-avaliação em curso, que coloca aos professores em confronto com a sua própria prática, que coloca os professores a necessidade de reflectirem sobre a sua própria prática, não o fazendo, em qualquer dos casos, sozinhos. Podem fazê-lo com o apoio e em parceria com alguém, que é um verdadeiro parceiro, um "amigo-crítico", a pensar sobre como podemos desenvolver e melhorar essa mesma prática. Por outro lado, queria

aludir a um aspecto que a Prof.^a Margarida Fernandes também referiu no final, a disseminação da Prática, a vontade de dar a conhecer a sua Prática, de a explicar, de ser também confrontado com ela. São situações deste tipo, que podem conduzir a trabalhar com outra escola que queira desenvolver modalidades semelhantes de inovação, no seu próprio contexto. E aí, a necessidade de a explicar, de se confrontar com as fraquezas que foram superando, e com as forças que permitiram superar essas mesmas fraquezas. São também estes processos de formação muito importantes. Era só isto. Dava então a palavra a quem a queira.

Tinha a ideia de recolher três questões ou comentários, peço a todos que sejam breves, e depois dava a oportunidade aos nossos convidados para responderem.

Maria de Lourdes Neto

Não era propriamente uma pergunta, mas para agradecer esta inspiração que o agrupamento vertical de Armação de Pêra aqui nos trouxe; não tem a ver com a ideia da clonagem, mas com generalização, uma contaminação de mancha de azeite. Sou uma pessoa que teve a possibilidade de já ter visto ao vivo este conjunto de pessoas. Gostava apenas de trazer aqui alguns sublinhados: um é a questão da territorialização educativa, e a humanização que aqui tivemos durante esta manhã e que lá se vê, não apenas nas escolas de cimento, mas até nos meninos mais pequeninos, que são pessoas vivas. Queria agradecer à Dr.^a Ana por ter dito que representava o pessoal docente e o pessoal não docente, porque com ela estará certamente a Senhora Maria do jardim de infância. Ou seja, sublinhar, fundamentalmente, a importância da interação da escola 2,3, das escolas do 1.º ciclo e dos jardins de infância que lá estão. Sublinhar aqui a importância daquilo que é a simplicidade de que a Dr.^a Filomena Matos nos falava no início, mas que é uma

simplicidade que envolve uma grande complexidade, e que vi lá, na vida real; ou seja, a simplicidade do colega Rogério, a humildade que o corpo docente e não docente têm, ao articular-se com a comunidade, sem a arrogância que a escola às vezes assume, e que leva a que o resto das pessoas não se sintam acolhidas.

Terminando, penso que foi um ser vivo que aqui esteve, e que é importante que se espalhe, e que se calhar isto é que é a escola inclusiva, isto é educar para a cidadania, é educar para a felicidade. Mas, fundamentalmente, é um sinal de humanização o que aqui foi trazido hoje.

Clara Oliveira

A Dr.^a Margarida Fernandes apontou como a principal e a grande finalidade desta prática a educação para a cidadania, e eu, na minha perspectiva mais instrumental, acrescentaria que esta prática tem uma outra grande finalidade, que é a gestão integrada de recursos. E nesta perspectiva, gostaria de reflectir, porque sou professora, sobre aquela grande listagem de parceiros que apresentam – com certeza que não surgiram todos ao mesmo tempo. Surgiram, com certeza, de necessidades que foram identificando, e de um desenvolvimento natural da vossa prática. E gostava de saber qual a relação entre o estabelecimento dessa parcerias, ou melhor, se elas aparecem em função de uma auto-regulação que vão fazendo da vossa prática. Era só isto.

Noémia Félix

Eu gostava de pôr uma questão, que é a seguinte: de facto estive atenta, já conhecia o Programa, mas estive atenta ao que foi dito anteriormente, e uma das coisas que foi dita logo no princípio pela Dr.^a Maria Emília

Brederode, era que um Programa desta natureza tinha três vertentes, que são três níveis, como aparecia na transparência; que, de facto, a sua grande preocupação, era a melhoria das aprendizagens, embora feita das mais diversas maneiras, com todas as singularidades ressalvadas e sublinhadas pelos intervenientes. Mas recordo que vi ali três níveis de "boas práticas", e os três níveis, até os citarei por ordem, eram as disciplinas e a sala de aula, era a escola-organização, e era a escola-comunidade. E de facto, eu perguntaria aos presentes aqui desta prática apresentada, se foi vossa intenção escolherem apenas uma das vertentes ou um dos níveis conducentes à melhoria das aprendizagens, e sublinharem apenas, neste nível, esta ligação à comunidade; ou reflectir antes sobre este novo modelo de escola, em que a escola coincide com a própria comunidade; e se foi isso, gostava de perguntar se a outra etapa é, digamos, servirem-se como que desta melhoria das aprendizagens conduzida por esta prática de ligação ou de integração com a comunidade, seguindo-se uma outra etapa de melhoria agora das aprendizagens, que passará pela escola, pela facilitação da organização, da montagem, se quiserem, da instituição escola vista como um sistema, como organização, e depois também como é que pensam, ao nível da melhoria das aprendizagens, agora a integração da outra vertente, ou seja, da vertente sala de aula e das disciplinas.

Não estou de nenhum modo a criticar a prática que utilizaram, estou a perguntar de que modo é que irão articular as outras duas vertentes, que do meu ponto de vista estariam equacionadas também no programa.

E depois uma outra questão também ligada com o que alguém aqui disse: há muitas vezes tendência nas escolas para os programas e os projectos não serem programas e projectos da escola toda. Serem programas e projectos de uma grupo de professores, etc. Não tenho a certeza que este programa da escola de Armação de Pêra seja um programa da escola toda, porque não se ouviu senão a educadora de infância falar de um caso específico da Cláudia, assim de raspão, e não se ouviu efectivamente o

testemunho da escola toda. E quando digo escola toda, digo também da Senhora Maria, utilizando o pessoal não docente e pessoal docente da escola ao nível dessa prática. Com certeza foi porque não conseguiram inserir tudo nos sete minutos de filme, mas gostaria de ouvir alguma coisa do testemunho dos colegas.

Ana Cristina Fonseca

É definitivamente um projecto também com a intenção de educar para a cidadania, mas também é uma gestão integrada de recursos, obviamente. Só que as coisas decorrem num processo. Não se pode dizer: hoje surgiu isto, e fazem-se os contactos. As coisas vão-se fazendo ao longo de anos, e é uma caminhada. É uma caminhada que penso que não poderá ser igual em todas as escolas, mas podemos tirar alguma coisa desse processo, e fazer de outra forma noutra escola. Agora, quanto aos os parceiros. Foi a Guarda Nacional Republicana que nos propôs mostrar as suas actividades. Porque nós também já tínhamos tido actividades com eles antes, e eles consideraram que seria importante essa proximidade. Não no sentido de reprimir, claro, mas no sentido de sentirem que aquela pessoa pode ajudar. E não no sentido de uma pessoa passar na rua e ver um GNR e ir para o outro lado da rua, mas de pedirem essa ajuda a essa pessoa. E, portanto, essa proximidade é muito importante. E é muito importante que se vão buscar os miúdos logo desde pequenos, desde o pré-escolar. Porque é aí que eles estão a começar a perceber as coisas, e essa proximidade considero-a muito importante. Não sei se respondi à pergunta.

Em relação ao projecto. O nosso projecto é um processo interactivo entre a escola e a comunidade, mas que não surge pelo facto de nós acharmos necessário que a comunidade intervenha logo directamente. Os problemas surgem é na escola. Quando os alunos vão ao Conselho Executivo e existem problemas entre os miúdos, e nós começamos a

saber que isso tem a ver com a comunidade que os envolve, e tem a ver com as famílias, e com os amigos, e que têm problemas, e que não têm problemas, e que não têm recursos e que muitos até têm, e foi aí, que nós pensámos que poderíamos mudar alguma coisa nesse comportamento. Porque no fundo, eles comportam-se dentro da escola, porque se comportam fora da escola, e porque a comunidade é aquilo que lhes dá. Portanto, eles vêm trazer para dentro os problemas da comunidade. E se nós nos relacionarmos com a comunidade assim, esses problemas serão diferentes. Houve uma melhoria mesmo do comportamento dos miúdos, e claro que isso vai permitir uma melhoria da aprendizagem. E aqui estou a dizer uma melhoria da aprendizagem, porque eles próprios, acharam que sim, num questionário que fizeram. Mas penso que quando nós temos comportamentos incorrectos, ou quando temos dois ou três alunos numa sala que têm comportamentos incorrectos, nós não devemos logicamente, tentar logo mandá-lo para fora da sala, pelo menos não é isso que eu faço. E entretanto, tento integrá-lo, mas quer dizer que há determinados alunos que estão a ficar para trás, e que se calhar, queriam conhecer e ter uma aprendizagem diferente. No fundo, nós estamos a trabalhar para a média. E se calhar se nós não tivermos esses comportamentos dentro da sala de aula, penso que poderá melhorar muito a aprendizagem não só desses alunos, mas também de toda a turma.

Margarida Fernandes

Muito rapidamente também. Uma das questões que foi aqui levantada, é da gestão integrada dos recursos. Isto a começar pela primeira questão que foi posta. Eu julgo que apesar de as questões para a cidadania se sobreporem, do meu ponto de vista, a todas as outras, esta não é, apesar de tudo, uma questão menor. Porque os recursos que nós temos nas escolas, nas nossas comunidades educativas, não são ilimitados, e o facto de podermos ter uma gestão mais inteligente, mais adequada desses recursos, traduz-se em benefícios consideráveis. E podemos também

fazer um aproveitamento. Também não estou só a pensar em termos de recursos económicos ou financeiros, mas também em termos de recursos humanos. E esse aproveitamento de recursos humanos, julgo que tem de ser uma pedra de toque da mudança nas escolas. E que este programa pode potenciar esse melhor aproveitamento dos recursos humanos, dando-os a conhecer, pondo-os em contacto, aproximando, criando redes, etc., é um aspecto muito importante; embora não seja a finalidade primeira do programa, desta prática em particular, não deve ser descurado, porque é, evidentemente, um aspecto muito importante.

Outra questão que gostava de sublinhar, é esta da evolução deste processo e de todos estes processos de inovação. Julgo que as questões de inovação, e foi talvez aquilo que eu procurei logo sublinhar em primeiro lugar, não surgem por acaso. Uma inovação não surge por acaso. Surge de um conjunto de condições e é preciso que aquelas condições atinjam quase uma certa fase de amadurecimento, para que a inovação possa emergir. Neste sentido, diria que esta inovação ou o aparecimento destas inovações, tem alguma coisa a ver com o processo intuitivo, como tem a ciência, como têm as descobertas científicas, e é um processo extremamente ligado à intuição que nos leva a perceber numa determinada configuração, de um conjunto de factores, que aquela resposta pode ser a adequada. E julgo que isto leva um certo tempo de gestação, um certo tempo de amadurecimento. Não é por acaso que as descobertas científicas também exigem este tempo. E julgo que o processo de inovação em muito se aproxima ao processo das descobertas científicas, no sentido de exigirem este amadurecimento. Há um caminho muito grande feito ao longo de muitos anos, de muitos contactos, de muitas parecerias, de muitas coisas, até que isto surja. Não é, com certeza, uma solução que se possa transpor facilmente, neste sentido de dizer assim: há escolas que também têm comunidades com uma grande diversidade multicultural, e portanto comunidades multiculturais, e portanto, a resposta será abrir as portas ao fim-de-semana. Assim sem mais nem menos, não é o caminho. Só o amadurecimento dos próprios

recursos humanos, da própria reflexão que os praticantes fazem, é que pode levar, realmente, a encontrar respostas inovadoras, que sejam adequadas.

Um outro aspecto foi aqui levantado, que é muito complexo. É a questão da relação dos vários níveis a que a inovação se pode dar, que é realmente uma questão muito complexa. Sublinho a preocupação grande que tem sempre havido, em todas estas propostas que são feitas, que parecem não ter a ver directamente com as aprendizagens, de estas poderem vir a reflectir-se na melhoria das aprendizagens. Por muitas formas se têm encorajado as aprendizagens curriculares, de modo a que as aprendizagens ao nível da sala melhorem. Também se têm encorajado as mudanças organizacionais. Abrir a escola ao fim-de-semana é uma transformação do ponto de vista organizacional. Para além disso, há uma reflexão que é feita com os professores: o que é que nós podemos fazer melhor? Pegamos nos gráficos com os aproveitamentos dos alunos. As taxas de repetência são estas, os níveis que eles atingiram neste trimestre, neste período são estes: o que é que eles aprenderam e o que é que eles não aprenderam? Onde é que eles podem melhorar? Quer dizer, não há uma separação entre estas dimensões.

Manuel Miguéns

Em resposta à questão focada pela Dr.^a Noémia Félix, gostava de dizer que a questão de fundo tem toda a pertinência, mas quando falei em níveis, foi no sentido de domínios. Foi uma maneira de arrumar as práticas. Nós procurávamos práticas que fossem mais do domínio da sala de aula, mais ligadas a determinadas didácticas, por exemplo, ao ensino experimental da ciência, outras mais do domínio da escola, outras mais do domínio da articulação com a comunidade, que é o caso desta, e outras que inovaram em relação à utilização educativa das TIC. É evidente que todas acabam por estar em tudo. Mas a ênfase e o foco seriam mais nuns aspectos do que noutros. Era uma maneira de arrumar.

Rogério Pinto

A minha colega falou e muito bem. Agradeço também à Dr.^a Margarida a forma como nos defendeu, ou como apresentou a nossa prática.

Relativamente à melhoria das aprendizagens, acho que se deveria referir mais em termos práticos. Não vou enunciar grandes conceitos, mas gostava de abrir pelo menos algumas perspectivas para que as coisas, pelo menos, incomodem alguém.

As aprendizagens existem. E há melhorias das aprendizagens, porque há um grupo de alunos e cada vez há um grupo maior de alunos que vão utilizar cursos nas escolas, eles aprendem muitas vezes mais uns com os outros, fazem exercícios, trabalho de casa uns com os outros. O exemplo vivo disso aqui nesta sala, é o exemplo deste aluno que está aqui à minha frente, que fez precisamente o trabalho de suporte informático, com a Dr.^a Ana Fonseca. Portanto, aqui há uma ligação muito grande, é preciso que se veja isto. Não é a nível geral, não temos quatrocentos alunos de braço dado com os professores, é impossível, mas temos já o entendimento entre o ser professor e o ser aluno. Quer dizer, nas tais questões de respeito pela cidadania.

Há outro aspecto muito importante, que se relaciona com a aprendizagem: este aluno, pelo facto de ter a escola aberta ao fim-de-semana, pratica várias coisas que lhe permitem depois, na sala de aula, ter outro tipo de aprendizagem. Está mais motivado, porque se sente bem dentro da escola. Não há ninguém que consiga aprender se estiver mal disposto dentro da escola, e hoje muitos dos alunos, neste momento, estão bem dispostos e sentem-se bem dentro da escola. Portanto, eles aprendem com certeza.

Outro aspecto que foi referenciado aí, é o dar a chave. Eu dou a chave aos alunos da escola. A única coisa onde os alunos não entram na escola, é dentro do cofre. Porque a tesoureira leva a chave para casa. Porque nas outras, os alunos sabem onde estão as chaves. É um processo que tem três anos, é um risco muito grande. *Mea culpa*, assumo. Até este momento não tem havido problemas, ninguém dos que estão cá levou nenhum tiro e levou mercadoria. Pelo contrário, ainda há mais, há saber, há conhecimento, há respeito por tudo o que é de todos. Isso para nós tem sido gratificante, termos desenvolvido este processo de responsabilizar os alunos a respeitarem aquilo que é deles. Preocupante para nós, e acho que todas as escolas se deveriam preocupar, seria termos escolas e recursos fechados que não são aproveitados por ninguém. Ora, aquilo não são espaços mortos, a escola tem que ser um espaço vivo. Vivo, aquela escola tem que funcionar vinte e quatro horas, tem que estar aberta e as pessoas têm que a utilizar. É como o hospital, noutra conceito. Vamos dar hipótese das pessoas utilizar aquilo que é delas. Isto acontece em Armação de Pêra. Passar isto, fazer uma clonagem para outro lado, não se faz de um momento para o outro. Houve todo um processo para se chegar lá. Nesta fase, vários alunos, até alunos que saíram da escola, mesmo alunos universitários, vão fazer trabalhos para a escola, vão fazer cursos de Internet. Aqueles alunos que estão a tocar aquela música, são alunos que já não são alunos da escola modelo, que nem os quer em lado nenhum. São aqueles que se vestem de preto, têm aquela música que é metálica, eles não vão lá fazer outras coisas, senão estar ocupados a tocar aquela música.